



A RESSIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO PANSEXUAL: O JOGO DO TAMBÉM

Raphael Carlos Cesar Medeiros (PIBIC/CNPq/UEM), Pedro Luís Navarro Barbosa (Orientador), e-mail: great.sage@hotmail.co.jp.

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Língua Portuguesa.

Linguística – Teoria e Análise Linguística.

Palavras-chave: pansexualidade, Foucault, ressignificação.

Resumo:

A primeira Revolução Industrial não instou apenas na esfera tecnológica mundial. Revolucionou-se, também, todo um conjunto de comportamentos. A partir de então, tem-se a urgência da prontidão, a produção em série, o Fordismo e a aceleração do ritmo cotidiano, cada vez mais. Cada nova geração cresce em um mundo mirabolante, em que o tempo sempre é escasso, processo esse que gradativamente se acentua, nos filhos e nos filhos dos filhos, como um efeito dominó crescente. As tecnologias substituem o papel dos pais, com uma “educação virtual” em voga, através da televisão ou da internet. Nesse ritmo esquizofrênico, questões importantes como, por exemplo, a sexualidade são muitas vezes deixadas de lado, restando aos jovens a descoberta por si mesmos. Considerando-se o tabu sócio-histórico construído em torno de assuntos sexuais, tantas vezes mencionado por Michel Foucault (1988) em suas obras, já seria previsível que a maioria dos jovens escondesse esses assuntos dos pais, enfatizando uma independência sexual que quebra amarras com o passado. Essa crise de identidade, no campo da relação entre sujeito, verdade e sexualidade, pode se intensificar ainda mais, quando se considera o surgimento de uma nova sexualidade, a qual dispensa rótulos, porém, evoca a noção de “pansexualidade”. Isso posto, neste projeto de iniciação científica objetivamos verificar de que forma a pansexualidade é discursivizada e ressignificada, desde a criação do termo por críticos antifreudianos até os aparentes pansexuais contemporâneos.

Introdução

O ano é 1920. O famoso psicanalista Sigmund Freud publica “Além Do Princípio Do Prazer”, texto no qual esquadrinha conceitos relacionados à



catexia libidinal humana, relacionando-os aos princípios sexuais instintivos que, segundo ele, moveriam tudo o que é passível de acontecer através de motivações passionais humanas. Sua teoria foi fortemente reprovada, sendo-lhe atribuída a alcunha pejorativa de “teoria pansexualista de Freud”, por vários críticos da época.

A “teoria pansexualista”, que “reduziria tudo a sexo”, foi e é fortemente criticada por grupos religiosos, como se pode encontrar em blogs de cunho teológico-cristão, os quais também são parte do *corpus* desta pesquisa. Porém, esses grupos desconhecem/desconsideram o fato de que houve uma ressignificação do termo “pansexual” desde sua utilização como “uma doutrina que explicaria toda e qualquer sexualidade humana”. Nos tempos contemporâneos, vê-se uma crescente onda de pessoas definindo-se como pansexuais ou nem mesmo preocupando-se com uma definição, tendo o sexo como principal força motriz, nele e por ele mesmo. Destarte, acabam por serem incluídas no paradigma pansexual, em virtude da opinião e da expressão de outras pessoas, também parte do *corpus* desta pesquisa. “O jogo do também” se deve ao que se chama de “transcendência de gêneros” no espectro possível pansexual, fugindo do tradicional “binário bissexual”, isto é, “masculino e feminino”.

Exemplificações de pansexuais são encontradas em blogs, personalidades públicas, na literatura e, inclusive, existem dicionários que discursivizam o conceito de pansexualidade. Como ela é vista? Como se deu essa ressignificação histórica através do século XX? Que relações podem ser feitas entre a História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres (FOUCAULT, 1984) e a obra Group Psychology and the Analysis of the Ego (FREUD, 1922)?

Revisão de literatura

A pesquisa se deu por intermédio de quatro etapas, a saber:

1ª etapa: mobilização de conceitos historicizados acerca do termo pansexual;

2ª etapa: análise, segundo as noções descritivas da sexualidade humana em Foucault (1984);

3ª etapa: comparação com os discursos produzidos hoje acerca da pansexualidade;

4ª etapa: verificação da produção de identidades acerca do tema.

Resultados e Discussão

Com essa pesquisa, pôde-se perceber que o conceito de pansexualidade nasceu no início do século XX, por volta de 1920, com as críticas à, então assim denominada em seu escopo, “teoria pansexualista de Freud”,



significando “pansexualismo” uma teoria que reduziria toda explicação de motivações humanas aos instintos sexuais. Posteriormente, em meados do mesmo século, houve um apagamento discursivo da noção, visto que Alfred Kinsey publicou sua tabela para se medir a sexualidade humana, criando, então, o conceito de bissexualidade, que encerrava toda necessidade de conhecimento acerca do tema. Depois, em 1960, com a chamada Revolução Sexual, o advento hippie e Woodstock, voltou-se a falar em uma forma de “amor livre”, o qual dispensaria rótulos. Algumas celebridades da época, como o cantor Serguei, se declaravam pansexuais exatamente por se encaixarem nesse grupo. Dessa forma, ressignificava-se o termo. Finalmente, nos dias de hoje, encontram-se, cada vez mais, jovens dispensando rótulos ou evocando noções de pansexualidade para se definir sexualmente. Com esses enunciados pós-modernos, pôde-se apreender que a pansexualidade se caracteriza discursivamente por um rompimento com o binário masculino/feminino da bissexualidade, partindo do tradicional branco-e-preto até um espectro de cores infundável (ver Figura 1), tendendo ao infinito, no que se trata de gêneros.

--	--	--	--	--

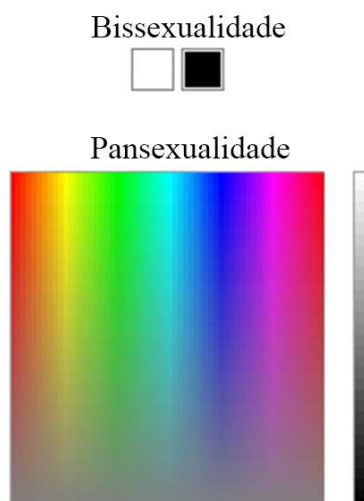
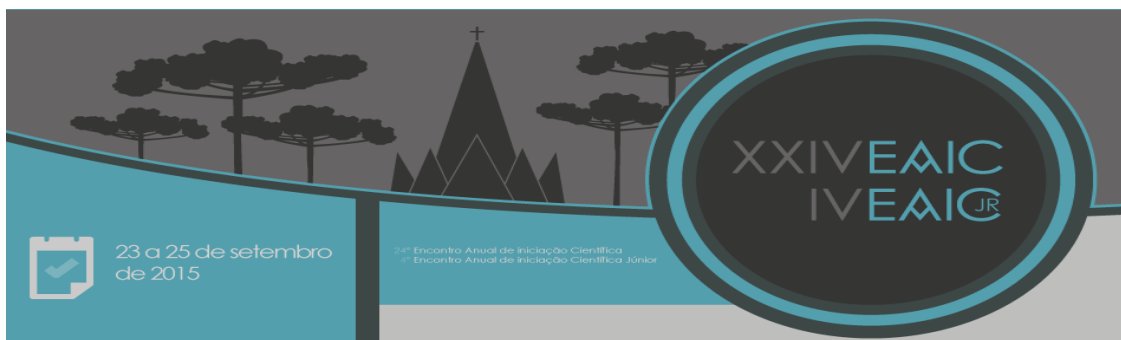


Figura 1 – Bissexualidade versus Pansexualidade

Conclusões

Com relação à *História da Sexualidade II: O Uso Dos Prazeres* (FOUCAULT, 1984) e o dispositivo da sexualidade, concluiu-se que as noções gregas de *akolasia* e *akrasia*, as quais dizem respeito a uma intemperança sexual, não



se encaixam no discurso mais recorrente acerca da pansexualidade, apesar de alguns enunciados abordarem exatamente essa explicação para o conceito estudado. Os conceitos de *aphrodisia* e *chresis*, referentes, respectivamente, ao nascimento do desejo sexual em si e a sua prática se conectam muito profundamente ao termo estudado, visto que não só nos jovens atuais isso é mais frequente, mas também nas celebridades, hippies e adeptos do amor livre no período que se seguiu aos anos 1960. O nascimento da pansexualidade se dá de uma forma que poderia se chamar “inocente”: a descoberta por si mesmo. Vê-se como um ser no mundo e se quer experimentar, indo cada vez mais longe nas diferentes experiências, para saber exatamente do que se gosta. Assim, os *aphrodisia* e a *chresis* se estabelecem sem que necessariamente se saiba que eles existem: apenas são sentidas. Igualmente, não é necessário estudar ou saber ler para se saber que existem cores além do branco e do preto: basta se olhar para elas.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq por incentivar, não só a minha, mas todas as pesquisas que por ele são patrocinadas investindo, assim, no futuro do país. Agradeço, também, a meu orientador Pedro Luís Navarro Barbosa por ter me aceitado como seu orientando de iniciação científica e por me apresentar à Análise do Discurso Francesa, bem como às ferramentas deixadas pelo grande pensador Michel Foucault. Por fim, à minha família por sempre me apoiar em meus estudos e a meus amigos, em especial, à Jaciara Borges Romualdo, por cuidar de mim tantas vezes quando precisei, no período de facção da pesquisa.

Referências

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, S. **Group Psychology and the Analysis of the Ego**. Tradução de James Strachey. Nova Iorque: bartleby.com, 2010. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/290/>>. Acesso em: 01/04/2013.

KINSEY, A. C. et al. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia Pa: W.B. Saunders, 1948.